

A PSICOLOGIA E O AUTOCONCEITO DE UMA ADOLESCENTE COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UMA REALIDADE DO CENTRO AVANÇADO DE SAÚDE ESCOLAR (CASE) EM PARNAMIRIMRN.

Elaine Christina Cunha Eufrásio

*Centro Avançado de Saúde Escolar – CASE
case.parnamirim@gmail.com*

Resumo: Enxergar o indivíduo de uma forma multiprofissional, em sua totalidade é um dos focos do Centro Avançado de Saúde Escolar (CASE), centro clínico de atendimento a crianças/adolescentes que apresentem dificuldades de aprendizagem no município de Parnamirim/RN. A psicologia neste contexto encarrega-se dos aspectos subjetivos que envolvem tais dificuldades, sendo assim, o autoconceito torna-se fundamental para a construção do “eu” como indivíduo ativo dentro da aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem, Psicologia, Autoconceito.

INTRODUÇÃO:

Enxergar o indivíduo de uma forma multiprofissional, em sua totalidade é um dos focos do CASE. A psicologia neste contexto encarrega-se dos aspectos emocionais e subjetivos que envolvem as dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, durante dez anos de experiência nesta instituição e diversos encaminhamentos para o setor de psicologia, o autoconceito das crianças com dificuldades de aprendizagem será descrito aqui.

Vale ressaltar que nos transtornos de humor, ansiedade e personalidade que foram acompanhados pela psicologia, está a criança que não aprende, rodeada por sentimentos envolvidos em sua dificuldade e o principal: como essa criança se enxerga, como ela se sente diante do contexto apresentado, vivenciado.

O autoconceito torna-se fundamental para a construção do seu “eu” como indivíduo ativo dentro da aprendizagem. Implicações negativas no autoconceito podem gerar não somente desequilíbrios emocionais que afetam processos psicológicos básicos da aprendizagem como a personalidade desses indivíduos.

Torna-se preciso chamar atenção para o fato de que a aprendizagem é um processo emocionalmente dirigido por envolver emoções como ansiedade, frustrações, incertezas. Momentos de glória e momentos de crises. E por isso o trabalho psicológico nessas crianças deve acontecer desde a prevenção até o acompanhamento e tratamento do adoecimento mental e emocional ocorrido devido a dificuldade de aprendizagem apresentada.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

O cenário deste estudo de caso, o CASE, foi idealizado há dez anos por uma fonoaudióloga e uma psicopedagoga após a percepção da necessidade de um atendimento clínico e especializado a crianças e adolescentes que apresentavam dificuldade de aprendizagem no município.

Até os dias atuais, outro trabalho como o realizado pelo CASE, com as especialidades presentes no seu corpo clínico é desconhecido no estado do Rio Grande do Norte. A instituição já referida conta hoje com uma equipe formada por Assistentes Sociais, Pediatra, Enfermeira, Nutricionista, Fonoaudióloga, Psicóloga, Psicopedagoga, Pedagogas e Terapeuta Ocupacional, todas com trabalhos voltados para a prevenção, diagnósticos e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

São encaminhadas ao CASE, crianças e adolescentes com idades entre seis e doze anos que estejam apresentando dificuldades em sua aprendizagem no ambiente escolar. O encaminhamento deve ser obrigatoriamente construído pelo professor ou coordenador pedagógico da escola.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente, cada vez mais frequentes questões acerca da aprendizagem ou mesmo sobre as dificuldades desta emergem nas discussões dentro e fora do ambiente escolar. Indisciplina, evasão escolar, dificuldades no processo de alfabetização, crianças e adolescentes fora da faixa etária para o nível escolar, família não assumindo seu papel diante do processo de aprendizagem de um lado, escola e suas dificuldades metodológicas de outro, são alguns dos pontos discutidos.

Tem-se hoje na realidade clínica a impressão de um aumento das dificuldades de aprendizagem. Dorigon e Oliveira (2015) indagam se este fato refere-se a nova configuração social, novas exigências, métodos de ensino fatigantes, ou se elas sempre existiram e só recentemente começaram a ganhar destaque no processo de ensino, ou, se caso ainda, ambas situações seriam somadas

A escola, primeiro ambiente socializador da criança fora do seu contexto familiar, tem como responsabilidade, entre outras funções, a de apresentar à criança “o mundo da aprendizagem”. E é a entrada para a escola que o desenvolvimento pessoal e emocional se volta para o exterior, como afirma Taveira (2005), pois a família continua a ser a principal base de apoio, mas o grupo escolar vai desempenhar um importante papel em termos de desenvolvimento pessoal.

Desta forma, é no ambiente escolar que muitos dos sentimentos negativos envolvidos no autoconceitos das crianças com dificuldades de aprendizagem são demonstrados e algumas vezes tornam-se pouco percebidos diante de salas de aulas superlotadas, professores sobrecarregados, escolas desfalcadas em recursos pedagógicos e acima de tudo, humanos.

A criança na Pré-escola encontra-se em uma parcela impressionante do desenvolvimento social e emocional, sendo neste período, onde a criança descobre se sente-se segura ou não a explorar o ambiente e confiar nas pessoas (SMITH; STRICK, 2001). As autoras destacam que a qualidade dos relacionamentos de uma criança neste estágio, pode acarretar em impactos significativos sobre sua perspectiva emocional.

O ensino fundamental, responsável pelos primeiros anos de escolarização, as amizades exercem um papel cada vez mais importante, de acordo com Smith; Strick (2001), no senso de sucesso e senso de bem estar das crianças.

Na adolescência, a caminho da identidade adulta, o adolescente necessita resolver questões como a aceitação do próprio corpo que se transforma, aprender a ser menos dependente dos pais, escolher uma carreira profissional, desenvolver um código de ética ou conjunto de valores para se guiar na vida (SMITH; STRICK, 2001).

Permeando as fases do desenvolvimento acima citadas, refletindo sobre o indivíduo com dificuldade de aprendizagem, o envolvimento social e emocional invade toda a sua vida escolar, tornando-se impossível a separação destas visões do processo de aprendizagem como um todo.

Como enfatiza Alencar (1985), o autoconceito tem sido apontado como uma variável que tem influência no aproveitamento acadêmico, na motivação para o estudo e no comportamento em sala de aula. Erikson (1976) destaca que a vida escolar desperta um sentimento de ser capaz de produzir coisas e fazê-las bem, a fim de conquistar consideração e admiração dos pais, professores e colegas.

Pensando assim, caso a criança encontre dificuldades em usar suas habilidades e com isso, não consiga ser produtiva, terá grandes chances de experimentar um sentimento de inadequação e inferioridade em relação a seus iguais e do que socialmente acredita que esperam dela, levanta este autor.

Dentre as crianças atendidas pelo setor de psicologia no CASE, o autoconceito negativo tem sido o responsável pelo encaminhamento e tratamento psicoterápico da grande maioria dos casos.

Voltando a maneira como a criança se percebe com a dificuldade em aprender, é possível citar a baixa estima, sentimento de inferioridade, incapacidade frente a sua

exclusão do grupo social ali envolvido (escolar), por apresentar-se “diferente” dos demais que não apresentam dificuldades de aprendizagem.

É possível observar, como assegura Smith; Strick (2001), que indivíduos com dificuldades em aprendizagem geralmente são pouco egocêntricos, pois a preocupação consigo e com seus próprios interesses são interpretados como falta de sensibilidade ou mesmo de apreciação as necessidades e preocupações dos outros.

As crianças com dificuldades de aprendizagem, tendem a apresentar problemas também de comportamento, pó enxergarem-se como diferentes, inferiores, insatisfeitas com seus resultados e ansiosas por não conseguirem lidar com toda esta gama de sentimentos.

Com isso, esses indivíduos tendem a identificar em si mesmos, indicadores de dificuldades acadêmicas e sociais, partindo daí comportamentos que geram encaminhamentos como agressividade, intolerância a frustração, hiperatividade, dificuldade de socialização, imaturidade emocional, entre outros.

Trabalhar emocionalmente com dificuldades de aprendizagem envolve acima de tudo, trabalhar emocionalmente com todos os sujeitos inseridos dentro desse contexto. Neste caso: Criança com DA¹- Família – Corpo Escolar.

É importante falar aqui em “Corpo Escolar” ao invés de “Escola”, pois falar de emoções é falar em indivíduos que as permeiam e sendo assim, professores, gestores escolares, alunos, funcionários da escola. Todos personagens ativos no espetáculo do autoconceito. Como bem afirmou Paulo Freire em um texto, “Escola é gente.”

Partindo deste raciocínio, as pessoas que convivem com as crianças com DA participam e atuam diretamente nos discursos de “Eu não consigo”, “eu não sei”, “Eu sou burro”, “Me acho incapaz”, “Só eu não aprendo”, “Tenho vergonha de ser assim”, “Não tenho amigos”. Discursos esses carregados de intenso sofrimento psíquico, inadequação escolar, familiar e consigo mesmo.

A psicologia nestes casos atua chamando atenção principalmente para o fato de que, de nada adianta tratar dificuldades de aprendizagem se os problemas relacionais envolvidos não forem resolvidos.

Diante disso, é preciso trabalhar a criança com DA para que esta se perceba como membro ativo e com valor na sociedade, baseando sua aprendizagem em sucesso, valorizando assim desde os pequenos avanços, motivando-a, orientando família e escola a desenvolverem o mesmo processo.

¹ Abreviação de Dificuldades de Aprendizagem

Tomando como problema as dificuldades de aprendizagem, torna-se porém, necessário discutir antes o que seria a aprendizagem.

A aprendizagem é algo inerente a qualquer indivíduo, alguns apresentam um grau maior ou menor de dificuldade, de acordo com a característica de cada um. Dessa forma é algo que deve ser estimulado e instigado desde as primeiras horas de vida de um bebe para isso a família a escola e o meio social onde estamos inseridos muito têm a declarar do nosso desenvolvimento (ALEXANDRE, 2016).

Dessa maneira, a aprendizagem é vista como um processo de mudança de comportamento obtido por meio da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais resultantes da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente em que se vive, levando em consideração os conceitos culturais que o grupo social conhece e considera correto. É, então, o resultado das experiências anteriormente adquiridas, visto que cada experiência acrescenta aos indivíduos novos saberes, e são justamente esses saberes que trazem mudanças de comportamento (ALEXANDRE, 2016, p. 52).

De acordo com a análise da autora supracitada é possível perceber que a aquisição de novos saberes colabora no processo formativo do sujeito de maneira que o a construção do conhecimento amplia o olhar sobre a concepção de mundo e o faz ter uma visão mais crítica, criativa e reflexiva.

Desse modo, a busca pela aprendizagem é particular ao individuo, desde cedo, sente o desejo de demonstrar o que é capaz de aprender. Para Fernandez (2001), todo sujeito expressa a sua maneira própria de aprendizagem e os mecanismos de construir o conhecimento, esse processo se inicia desde o nascimento e é constituído em molde ou em esquema, sendo dessa forma fruto do inconsciente simbólico. Assim, as transformações que ocorrem no comportamento do sujeito são efeitos do vínculo entre as experiências anteriores e os novos conhecimentos adquiridos.

Diante deste fato, é possível, afirmar que cada indivíduo expressa a sua forma de aprender de modo peculiar norteados pelo seu estilo de aprendizagem, capacidades e talentos e maneiras de aprender. Todo sujeito ampara-se em diversos sentidos para receber e organizar informações para desta forma aproximar-nos dos instrumentos do conhecimento (GÓMEZ; TERÁN, 2004).

E quando este sujeito não se ampara em algum sentido, não se adapta à didática de ensino e conseqüentemente não consegue seguir o fluxo esperado para sua aprendizagem, fala-se em atraso e ainda em dificuldades neste processo.

Cabe aqui citar Fonseca (2007), que ressalta um significativo fato: o conceito de Dificuldades de Aprendizagem (DA), ainda não é consensual, seja em termos de elegibilidade ou de identificação. Porém, este autor ainda destaca que a condição da Dificuldade de Aprendizagem é amplamente reconhecida como um problema que tende a provocar significativas dificuldades de adaptação à escola e, frequentemente, prolonga-se no decorrer da vida do indivíduo.

Sobre isso Fonseca (1995) enfatiza que é preciso centrar a mudança de comportamento e visão desta criança, sendo assim, seu autoconceito, através de enriquecimentos de áreas fortes e não somente pelo confronto desencorajador e desmotivador de suas áreas ditas fracas.

Trabalhar em psicologia com a Dificuldade de Aprendizagem “nua e crua” é sensibilizar não somente a família, corpo escolar, demais terapeutas, mas acima de tudo o indivíduo que sofre por não conseguir aprender. Viver em uma sociedade letrada, sem decodificar o código, não conseguir focar a atenção em uma aula, desconcentrar a todo instante, memorizar e esquecer rapidamente, são alguns dos vários sintomas envolvidos.

Para que mãos não fiquem mais geladas e trêmulas ao entrar na escola, corações não saiam pela boca ao receber uma prova, cabeças e olhares tristes não mais se abaixem diante de uma crítica abusiva e preconceituosa de algum familiar ou membro da equipe escolar, vômitos, dores de cabeça e na barriga desapareçam, é necessário acima de tudo de sensibilização e por que não, humanização no tratamento e convívio desses indivíduos e suas dificuldades.

A psicologia, portanto, deve estar inserida não somente no tratamento da dificuldade de aprendizagem, mas também na prevenção, dentro da escola.

METODOLOGIA:

A metodologia utilizada na pesquisa foi a de um estudo de caso. No entendimento de Stake (2000), o estudo de caso é caracterizado pelo interesse em casos individuais e não pelos métodos de investigação que pode abranger, visando à investigação de um caso específico e contextualizado. O caso exposto foi atendido por 14 meses. Autoconceito e suas emoções eram semanalmente trabalhados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

B.O.F, sexo Feminino, 14 anos com Hipótese Diagnóstica de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) com a Dificuldade de Aprendizagem associada.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



B.O.F. chegou ao CASE aos 12 anos, com suspeita de TDAH, Hipótese diagnóstica essa dada por um neuropediatra aos 4 anos de idade de B.. Nesta ocasião, pelo fato de não parar em sala de aula, não se concentrar em nada, o médico em questão prescreveu Metilfenidato, o que assustou seus pais pelo fato da filha ser bem pequena e conhecerem os riscos do uso desse tipo de medicação.

B. foi passando pela educação infantil, ensino fundamental, apresentando as mesmas queixas e outras associadas ao seu próprio crescimento e desenvolvimento. Chegou ao CASE aos 12 anos, cursando 7º ano de uma escola particular, sempre passando de ano após ficar em recuperação e prova final em praticamente todas as matérias,

Associado a este quadro, estava a dificuldade de socialização, impulsividade em suas atitudes, agressividade em relacionamentos de amizades e conflitos familiares.

No processo de avaliação com a psicologia, foram marcados quatro encontros com B., além desses mais dois com os pais (atendidos juntos e em outro momento de forma individual). A avaliação nunca foi concluída, pois B. sempre apresentava ansiedade elevada, fala logorreica, pensamento, memória, atenção e concentração alterados também.

Em acompanhamento psicoterápico, ficou perceptível o intenso sofrimento emocional da adolescente frente a dificuldade em aprender por não conseguir concentrar-se. B. sentia-se angustiada, apresentando rebaixamento em sua autoestima e humor pelo sentimento de incapacidade e inferioridade por não conseguir “parar” para escutar, prestar atenção, estudar, responder a uma prova.

Em psicoterapia, inicialmente necessitou ser trabalhada sua aceitação do tratamento, pois ao se tratar de uma adolescente, apresentou bastante resistência pelos vários mitos que envolvem o tratamento psicoterápico. Após esta etapa, o fortalecimento do vínculo terapêutico foi estabelecido e somente depois, os aspectos emocionais foram focados.

Dentro desse contexto, o autoconceito negativo desta adolescente a prejudicava diante de sua aprendizagem, ao sentir-se deprimida por não estabelecer vínculos com amigos, pois sua agitação não eram bem aceita. Apesar de ter horário de estudos em casa, não focava sua atenção, comprometendo consequentemente sua memória, pensamento e concentração. O que a levava a esquecer rapidamente do que havia estudando.

Ligados a tudo isso, sentimentos de desvalia e incapacidade, eram sua companhia, o que a levava a ficar cada vez mais ansiosa e impulsiva.

O autoconceito de suas emoções eram semanalmente trabalhados de forma intensa e por vezes conflituosa, pois B. não se aceitava com suas dificuldades.

Vale destacar as oportunas orientações com os pais e inclusive irmã mais nova que a subestimava muito. Além das visitas e orientações a todo corpo escolar envolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhando seu autoconhecimento, percebendo-se frente a suas dificuldades e enxergando-se enquanto sujeito ativo dentro de todo esse contexto, B. foi a cada encontro de atendimento psicológico, superando seus medos e anseios, encontrando resoluções para sua maneira negativa de enxergar o mundo a sua volta e principalmente, encontrando metodologias próprias de estudo e convivência com os demais a partir da mudança de pensamento, ou seja, mudando o foco dos seus fracassos, para os seus sucessos pequenos, gradativos, mas de grande valor para si e para a psicoterapia.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, E. M. L.S. *A criança: na família e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ALEXANDRE, S.F. (2016). Aprendizagem e suas implicações no processo educativo. *Revista ícone*. São Luiz de Montes Belos-Go, Vol.16. p.51-60.

DORIGON, V. & OLIVEIRA, V. S. (2015). Dificuldades de aprendizagem: causas e diagnósticos. *Nativa-Revista de Ciências Sociais* do Norte de Mato Grosso, v. 4, n. 2.

ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família*. Campinas: Artmed, 2001, 264p.

FONSECA, V. *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, V. Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas. *Rev. Psicopedagogia* 2007; 24(74): 135-48.

GÓMEZ, ANA; TERÁN, NORA. (2014). *Manual de Orientação para Pais e Professores*. Tradução e adaptações de Adriana de Almeida Navarro. 568 p.

SMITH, Corine; STRICK, Lisa. *Dificuldades de aprendizagem de A a Z: Um guia completo para pais e professores*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TAVEIRA, Maria do Céu. *Psicologia Escolar: Uma proposta Científico-Pedagógica*. Coimbra: Quarteto, 2005.